



Alfred Tennyson.

"Tennyson ought to be preserved as a pleasure. Beauty is unanswerable in a poem as much as in a woman."

G. K. Chesterton

No centenário da morte de Alfred Tennyson, Chesterton dedicou-lhe um dos seus inolvidáveis ensaios que publicou na coletânea intitulada *Selected Essays* (1939). Nesse texto intitulado "Tennyson", protestava contra uma certa frieza que lhe parecia existir na sua época para com aquele que classificava como "the poet of popular science". Chesterton considerava esse esquecimento "a very peculiar thing", pois, embora pensasse que se deveria esperar cerca de oitocentos anos antes de se poder discutir o mérito literário de um poeta, em relação aquele que tinha sido Poeta Laureado afirmava:

[I] have been struck with a curious tone of coldness towards him in almost all quarters [...] it is a case of coldness to quite a brilliant and unquestionable literary merit. Whether Tennyson was a great poet I shall not discuss...[he] ought to be preserved as a pleasure – a sensuous pleasure if you like, but certainly a genuine one. There is no more reason for dropping Tennyson than there is for dropping Virgil. (p. 219)

Na minha opinião, uma das melhores análises de Tennyson continua a ser a de G. K. Chesterton que, no seu estilo tão característico e distintivo, afirmava ainda:

His weakness was not being old-fashioned or new-fashioned, but being fashionable. His feet were set on things transitory and untenable, compromises and compacts of silence. Yet he was so perfect a poet that I fancy he will still be able to stand, even upon such clouds.

Trata-se, com efeito, de um autor que, embora hoje em dia não seja tão importante como era no seu tempo e chegue a ser injustificadamente escamoteado dos programas universitários, tem, porém, ainda o estatuto de um grande poeta da literatura inglesa, cuja obra deveria ser leitura obrigatória, pelo menos para os possuidores de uma cultura mediana. Foi poeta laureado durante cinquenta anos, em Inglaterra, na era vitoriana, época sobre a qual Lytton Strachey disse: "The history of the Victorian Age will never be written: we know too much about it".

Creio que nos nossos dias, apesar de tudo, tem ainda interesse fazer uma breve reflexão sobre Alfred Tennyson e a sua obra. Esse interesse deriva, entre várias outras razões, do facto de essa obra reflectir as contingências e os condicionalismos da época em que viveu este poeta que, apesar de considerado por alguns críticos mais severos como "imperial e nacionalista", se assumia como intérprete e sábio, profeta e mestre com uma missão formativa. Ao fazê-lo, Tennyson seguia, portanto, a concepção romântica que, de modo significativo, apelidava os poetas de "sages and seers".

Relacionado com as diferentes concepções de poeta, podemos também reflectir sobre a forma como a poesia tem sido considerada ao longo do tempo. A poesia é, segundo alguns, quase tão antiga como a própria língua e as palavras dos poetas têm o dom de conceder a imortalidade. B. Snell, no início da sua obra *Poetry and Society*, afirma que a poesia foi a primeira forma de transmissão de cultura, dizendo que na Grécia antiga "poetry was the forerunner of philosophical, political and sociological thinking".

Por seu lado, Platão, em "Lisis", considerava os poetas como "os pais e os guias da sabedoria". E, os poetas gregos eram, na realidade, tradicionalmente considerados como profetas e mestres sagrados dos homens, exercendo assim, de vários modos, um papel correspondente ao dos feiticeiros das sociedades primitivas. Eram homens de visão que se aproximavam

o mais possível do ideal platónico do rei-filósofo, estabelecendo a relação entre a poesia e a filosofia, como se pode verificar pelo facto conhecido de os poetas na Grécia, além de músicos, terem vindo a ser considerados filósofos.

Se nos debruçarmos ainda sobre o conceito de poeta, vemos que, segundo Hesíodo, os poetas tinham três dons: o de dar alegria ao espírito, o de transmitir conhecimento e o de persuadir os homens a tomarem decisões justas. É curioso notar que os objectivos destas três actividades: a especulativa, a cognitiva e a produtiva correspondem afinal às intenções ainda hoje atribuídas à literatura, e que a teoria da literatura procura articular os modos de realizar e manter o equilíbrio delicado entre a função cognitiva, a judicativa e as intenções formais da arte literária.

Com a difusão da imprensa, passou a ver-se um poema como um texto impresso e a função da poesia tornou-se, pelo menos para alguns escritores, já não tanto a de influenciar o público leitor mas sim a de exprimir as emoções privadas do poeta.

Quando tentamos analisar o conceito de Poeta, verificamos rapidamente que ele assume múltiplas e desencontradas encarnações ao longo da história, escapando a qualquer tentativa simplista de definição. Tal definição, de acordo com a origem grega da palavra, poderia ir desde aquele que faz, àquele que cria, até ao facto de os poetas serem considerados como seres que mantinham uma relação privilegiada com o transcendente e a propósito dos quais Shelley, numa afirmação que se poderia aplicar a Tennyson, escreveu em *Defense of Poetry*:

Poets, not otherwise than philosophers, painters, sculptors and musicians, are, in one sense, the creators, and in another, the creations of their age. From this subjection the loftiest do not escape.

E, no prefácio de "Prometheus Unbound":

A poet is the combined product of such internal powers as modify the nature of others; and of such external influences as excite and sustain these powers.

Se quisermos citar outros poetas, verificamos que Wordsworth, em 1800, definia poesia como: "the spontaneous overflow of powerful feelings" e que, para Coleridge, a diferença entre um poema e outros textos estava naquilo que ele designava como "the wholeness of the poem". A propósito da diferença entre textos poéticos e científicos, Coleridge afirmava ainda:

A poem is that species of composition, which is opposed to works of science, by proposing for its immediate object pleasure, not truth; and from all other species (having this object in common with it) it is discriminated by proposing to itself such delight from the whole, as is compatible with a distinct gratification from each component part.

Arthur Henry Hallam considerava Tennyson o maior poeta da sua geração e talvez mesmo do século XIX. Mais recentemente, Robert Bernard Martin, na biografia *The Unquiet Heart*, declara ainda:

[...] there is no longer any need to justify a study of him [...] and almost no one seriously interested in the subject could fail to recognize that Tennyson is among the great English poets.

Alfred, *Lord* Tennyson, além de ser poeta, foi *Poet Laureate*. Em Inglaterra, este cargo honorífico tinha já sido atribuído a vários famosos poetas seus antecessores, tais como Ben Johnson, Dryden, Southey e Wordsworth, "the various laurelled worthies who sweetened royal toils with verse", a quem também fora simbolicamente atribuída a famosa coroa de louros de onde provém a designação de Laureado, assim como o dever de cantar elogios ao monarca que os nomeava.

Através do conhecimento da vida e da obra de Tennyson, são múltiplas as questões que se levantam. Entre outras dúvidas, podemos debater a forma como ele considerava a sua função como poeta e o seu cargo de *Poet Laureate*.

É frequente questionar-se também se Tennyson merecia as críticas que tanta vez lhe foram feitas e que afirmavam que

era um mau poeta justamente por ser um poeta comprometido que calava a sua própria voz para representar complacentemente a opinião oficial. Chesterton levanta esta questão ao perguntar se Tennyson: "(...) used his verbal felicities for the accidental equilibrium of the British Constitution". Em resumo, debate-se sobre a justiça da classificação de homem do "establishment" e de "o mais estúpido dos poetas ingleses" que lhe foi atribuída por W. H. Auden.

Por outro lado, apesar de sabermos que Walt Whitman também não apreciava Tennyson, que considerava "the bard of ennui and of the aristocracy and their combination into love", sentimo-nos desafiados a ter uma opinião contraditória da de Whitman devido à qualidade literária da sua obra e à precisão e delicadeza da linguagem, ao "fulgurante edifício vocabular" (para utilizar as palavras de Joaquim Magalhães a propósito de outro poeta), que Tennyson utilizava na sua poesia. Essa qualidade está patente em toda a obra poética mas pode verificar-se, por exemplo, no poema "In Memoriam A. H. H.", escrito quando da morte do amigo em 1833, de que cito apenas alguns versos:

Thy voice is on the rolling air;
I hear thee where the waters run;
Thou standest in the rising sun,
And in the setting thou art fair.

What are thou then? I cannot guess;
But thou' I seem in star and flower
To feel thee some diffusive power,
I do not therefore love thee less

Para além de uma apreciação estilística e estética da obra poética tennysonianiana, é possível também discordar de Whitman porque, ao analisá-la de uma perspectiva cultural, se verifica que Alfred Tennyson pode ser considerado como o porta voz da época vitoriana e que a produção literária por ele produzida

reflecte muitos aspectos da sua civilização. Pode considerar-se que a grandeza deste tão discutido poeta reside justamente no facto de ele ser sensível ao que se pode classificar como as confusões morais e espirituais do seu tempo, demonstrando estar familiarizado com a evolução no mundo científico e consciente das mudanças e das crises sociais, tornando-se assim na consciência da cultura vitoriana. Podemos verificar as suas ideias sobre a crise de valores da sociedade em que vivia, por exemplo, no poema "Maud" em que se refere à mundividência distorcida dos vitorianos e à consequência do materialismo que tal concepção do mundo impunha.

Como uma das metodologias a aplicar ao estudo da obra de Tennyson, poderíamos seguir a teoria do crítico literário, J. Hillis Miller, que, na sua conhecida obra *The Disappearance of God* (1963), afirma que a compreensão da literatura se realiza através de um constante diminuir e expandir do foco de atenção. Refere-se igualmente à teoria dos três círculos concêntricos, segundo a qual, no primeiro círculo, o foco recai num único poema, no 2.º, no conjunto da obra de um autor e, finalmente, no 3.º, na unidade constituída por toda a escrita de uma determinada época. Para J. Hillis Miller, a crítica literária é a análise da forma de consciencialização que é a literatura e a obra de arte literária é, sobretudo, uma manifestação da consciência subjectiva contra a objectivação absorvente da totalidade.

Estas questões estão ligadas a alguns dos grandes problemas que se debatem em relação à literatura, tais como a da sua própria definição em que a literatura pode ser vista como uma ocasião para afirmar a voz geral, ou oficial, ou como um interlúdio em que se partilham sentimentos privados. Deste modo, justifica-se que, ao fazer um estudo crítico de uma obra poética, além de outros aspectos, se façam referências às noções de literatura, ao papel da linguagem na própria literatura e à história, e se levantem questões sobre a natureza do espírito humano e da crítica literária na época.

Pensando também na ambiguidade ou ambivalência de Alfred Tennyson, na nossa análise, pode partir-se da premissa generativa de que o objectivo da crítica é identificar o espírito do crítico literário com o do autor em estudo. Refiro-me à tão frequentemente mencionada capacidade de se pôr dentro da vida de outrem, "in the inscape of the author", ou, tal como a definia Keats, "the negative capability". Pode, igualmente, partir-se do pressuposto de que há uma consciência unificada no autor, isto é, de que uma obra literária tem apenas a possibilidade de ter um espírito homogeneizado na sua origem ou, ao contrário, considerar que ela pode ser dialógica.

Podemos então perguntar-nos onde está o poeta das sensibilidades privadas, da solidão e do desespero. A este propósito, ocorrem-me as referências do crítico literário, Lawrence Lipking, que, em *Canons*, no ensaio "Aristoteles's Sister-Poetics of Abandonment", ao definir poesia, cita Mme. De Staël, dizendo: "Poetry is a companion that makes the reader feel more alone".

São de referir ainda certas características da obra, como o pendor apocalíptico e catastrófico das primeiras composições do poeta ou a escolha de temas como, por exemplo, o do poema "Timbuctoo", que estavam relacionados com algumas das problemáticas de maior interesse para a época vitoriana. Problemáticas essas que se podem analisar em relação a alguns dos seus aspectos mais perturbadores, que se espelhavam na obra poética de Tennyson, como o do problema epistemológico da divergência entre a realidade objectiva e o reino subjectivo da mente, relacionado com o facto de o Homem vitoriano se debater entre dois mundos irreduzíveis: o do domínio da imaginação e o do espírito científico dominado pelo bisturi da razão. Este debate era gerador do mal estar característico do eu dividido, "the divided self", que foi objecto do conhecido estudo de Masao Miyoshi com o mesmo título.

Tennyson compôs também poemas de inspiração clássica e utiliza a mitologia como, por exemplo, o mito do rapto de Proserpina, para debater questões que se relacionam com o estatuto de Homem e com a sua relação consigo próprio e com a transcendência, como o conceito de demanda.

As informações biográficas e as referências ao mundo em que Tennyson estava inserido e a que se sentia ligado – como é patente no facto de ele mencionar tão frequentemente a turbulência do seu tempo e a hipocrisia e a demagogia vitorianas quando se refere à mundividência distorcida dos seus contemporâneos e às consequências do materialismo e dos modos de vida e ritmos de trabalho que tal concepção do mundo impunha – são para nós uma fonte de informação sobre o universo do seu tempo. Foram as características desse mundo que o levaram a procurar encontrar paralelismo entre a civilização romana em declínio e a Inglaterra da sua época, como é patente em tantos dos seus poemas.

Ao ler a obra poética de Alfred Tennyson pode concluir-se que ela revela o homem na sua totalidade e também que, tal como afirmava Edward Young, em *Conjectures on Original Composition*:

There is something in poetry beyond prose-reason; there are mysteries in it not to be explained, to be admired; which render mere prose-men infidels to their definity.